


Ó Deus, não permaneças em silêncio! (Sl 83,2a): a relação entre impreciação e conversão dos inimigos no Salmo 83

O God, do not remain silent! (Ps 83:2a): the relationship between imprecation and conversion of enemies in Psalm 83

Fabio da Silveira Siqueira ^[a] 
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Heitor Carlos Santos Utrini ^[b] 
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Como citar: SIQUEIRA, F. da S.; UTRINI, H. C. S. Ó Deus, não permaneças em silêncio! (Sl 83,2a): a relação entre impreciação e conversão dos inimigos no Salmo 83. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. 557-570, out./dez. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.AO06

Resumo

O saltério põe nos lábios de quem os reza palavras que expressam os mais vívidos sentimentos humanos: sofrimento, júbilo, indignação, pedido por justiça diante dos adversários, dentre outros. Particularmente com relação aos inimigos ou adversários, a tradição do saltério conservou o elemento literário-teológico da impreciação. Alguns Salmos são totalmente imprecatórios e outros possuem apenas versículos ou partes imprecatórias. A Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II reconheceu a dificuldade psicológica, não teológica, que a impreciação pode causar em quem reza tais salmos sem a devida formação teológica, por isso essas partes e alguns salmos inteiros foram retirados da Liturgia das Horas. Considerou-se que tais orações poderiam supor a legitimação, ainda que apenas em nível do desejo, da violência contra os adversários. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma visão acerca do sentido teológico da impreciação, tanto na Escritura quanto na própria existência humana. Em seu centro é feita uma breve análise literário-

^[a] Doutor em Teologia, e-mail: padresiqueira@gmail.com

^[b] Doutor em Teologia Bíblica, e-mail: hscutrini@puc-rio.br

teológica do Sl 83, dando destaque para o modo como o salmo relaciona a impreciação com a possibilidade de conversão dos inimigos. O desejo expresso pelo Salmo ganha um tom de positividade nos vv. 17 e 19, onde se espera que o juízo divino possa despertar a conversão daqueles que a Ele se opõem. Conclui-se que tal modo de ler o Salmo torna-o perfeitamente coadunável com a perspectiva neotestamentária, segundo a qual Deus também há de fazer justiça aos que se opõem ao seu projeto salvífico. Ainda que tal não se possa ver em plenitude no desenrolar da história, se verá sem dúvida na escatologia.

Palavras-chave: Impreciação no AT. Salmos imprecatórios. Salmo 83. Juízo divino. Violência na Bíblia.

Abstract

The Psalter puts on the lips of those who pray it words that express the most vivid human feelings: suffering, jubilation, indignation, request for justice against adversaries, among others. Particularly with regard to enemies or adversaries, the tradition of the Psalter has retained the literary-theological element of imprecation. Some Psalms are wholly imprecatory and others have only imprecatory verses or parts. The Liturgical Reform of the Second Vatican Council recognized the psychological, not theological, difficulty that imprecation can cause in those who pray such psalms without proper theological training. Because that the imprecatory parts and some entire psalms were removed from the Liturgy of the Hours. It was considered that such prayers could legitimize, even if only in desire, violence against opponents. This article aims to present a view about the theological meaning of imprecation, both in Scripture and in human existence itself. In its center, a brief literary-theological analysis of Psalm 83 is made, highlighting the way in which the psalm relates the imprecation with the possibility of conversion of the enemies. The desire expressed by the Psalm takes on a positive tone in vv. 17 and 19, where it is expected that divine judgment can awaken the conversion of those who oppose Him. It is concluded that this way of reading the Psalm makes it perfectly compatible with the New Testament perspective, according to which God will also do justice to those who oppose his salvific project. Although this cannot be fully seen in the unfolding of history, it will undoubtedly be seen in eschatology.

Keywords: Imprecation in the Old Testament. Imprecatory Psalms. Psalm 83. Divine Judgment. Violence in the Bible.

Introdução

Desde os primórdios da Igreja, o Saltério sempre gozou de profunda estima por parte dos cristãos. Além de os evangelhos canônicos colocarem nos lábios de Jesus inúmeras referências aos Salmos, são encontradas diversas citações ou prováveis alusões, fazendo do Saltério um dos livros mais citados em todo o Novo Testamento¹ (Menken, 2004, p. 62; Daly-Dento, 2004, p. 119; Doble, 2004, p. 83-84).²

A importância dos Salmos na Igreja primitiva pode ainda ser constatada a partir dos inúmeros comentários patrísticos acerca da temática: Hipólito de Roma; Orígenes; Atanásio de Alexandria; Basílio Magno, Dídimo, o cego; Gregório de Nissa; Deodoro de Tarso; João Crisóstomo; Teodoro de Mopsuéstia; Cirilo de Alexandria; Hilário de Poitiers; Ambrósio de Milão; Agostinho de Hipona, Jerônimo; Arnóbio, o jovem; Cassiodor³, são alguns dos exemplos que poderiam aqui ser citados para comprovar a afirmação.

A partir do séc. II, uma vez que os hinos eram utilizados como um meio para a disseminação de ideias gnósticas, os Salmos passaram a ter um estatuto de especial envergadura na piedade cristã como um modo de afastar as heresias. Tal costume foi assumido pela Igreja, de modo que ainda hoje os Salmos constituem o principal conteúdo da oração litúrgica (Tarruel, 1992, p. 1098).

Até o séc. XX se conservava na Igreja romana a prática de se recitar todo o saltério ao longo de uma semana. Contudo, a partir do Concílio Vaticano II, a recitação dos Salmos passou a ser feita num período maior. Em 1971, a nova edição típica da Liturgia das Horas propunha uma nova distribuição do saltério de acordo com o esquema de quatro semanas.

Além disso, desde então, algumas partes do Saltério foram retiradas. A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas no n. 131 apresenta a seguinte razão:

Omitiram-se do Saltério corrente três salmos, 57(58), 82(83) e 108(109), nos quais predomina o caráter imprecatório. Foram omitidos também alguns versículos de vários salmos, como se indica no início de cada um deles. A omissão desses textos foi motivada por certa dificuldade psicológica, embora tais salmos imprecatórios ocorram na piedade do NT, por exemplo, em Ap 6,10; eles não pretendem induzir de maneira alguma à maldição.

O problema foi gerado a partir da recitação dos Salmos em língua vernácula. A Instrução mencionava uma certa “dificuldade psicológica” enfrentada pelos orantes. Trata-se de uma questão subjetiva, motivada seja pelo desconhecimento do gênero literário utilizado, seja pela mudança de sensibilidade dos novos tempos, mas de modo algum a implicar uma desvalorização do texto sagrado (Węgrzyniak, 2022, p. 1075-1096). P. H. Reardon (2011, p. 215) lamenta a tendência moderna de colocarmos nossos sentimentos espontâneos como uma espécie de padrão para a oração. Segundo ele, a sinceridade hoje em dia é medida pelo ritmo do pulso.

Além dos três Salmos que foram removidos em sua totalidade (Sl 58, 83 e 109), alguns versículos foram retirados de dezenove Salmos: Sl 5,11; 54,7; 55,16; 110,6; 141,10; 143,12; 28,4-5; 31,18-19; 40,15-16; 56,7b-8;

¹ Daqui em diante apenas NT para Novo Testamento e AT para Antigo Testamento, bem como será utilizada a abreviação BH para indicar a Bíblia Hebraica.

² É o que se pode constatar com facilidade a partir dos evangelhos. Dentre alusões e citações explícitas aos Salmos, foram identificadas 14 ocorrências em Marcos. No caso de Mateus, há cinco citações e dez possíveis alusões. Quanto à obra lucana, observam-se 14 citações ou citações aproximadas. Uma vez que João não costuma fazer muitas citações explícitas em seu evangelho, é possível identificar seis citações evidentes no IV Evangelho e outras poucas passagens nas quais os Salmos serviram de inspiração.

³ Para um aprofundamento acerca dos comentários dos Padres da Igreja aos Salmos consultar a obra de Rondeau: “Les Commentaires Patristiques du Psautier (IIIe-Ve Siècles)”, 1. Les travaux des pères grecs et latins sur le Psautier: Recherches et bilan (Orientalia Christiana Analecta 219). Roma: Pontificium Institutum Studiorum Orientalium, 1982.

21,9-13; 63,10-12; 79,6-7.12; 137,7-9; 139,19-22; 140,10-12; 35,3a.4-8.20-21.24-26; 59,6-9.12; 69,23-29. No total, 122 versículos, ou cerca de 5% do Livro dos Salmos, foram removidos (Węgrzyniak, 2022, p. 1081).

O itinerário proposto para o presente artigo percorrerá três etapas: num primeiro momento, será proposta uma definição de imprecação ou Salmo imprecatório. A seguir, será feito o estudo de um caso específico. Por fim, discutir-se-á a utilidade dos Salmos imprecatórios e serão indicadas algumas pistas para uma eventual revalorização deles.

O que é uma imprecação?

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, a imprecação é o “ato ou efeito de imprecar”, “desejo expresso de que algo de mau aconteça a um ser ou a uma coisa; praga, maldição, vociferação”. Noutras palavras, a imprecação é uma invocação de maldição, de juízo ou calamidade contra os inimigos de Deus ou contra os inimigos do orante (Laney, 1981, p. 35; Huxtable, 2022, p. 31). Diversas culturas antigas acreditavam que as maldições tinham força por sua própria natureza e eliminavam a necessidade da oração. Pelo simples fato de serem pronunciadas, as imprecações seriam de per si eficazes. Em Israel isso jamais acontece. É em virtude da autoridade divina que uma súplica pode se cumprir ou não (Carney, 1983, p. 116-117).

A terminologia empregada para definir esse objeto de estudo é bastante diversificada: fala-se de “Salmos de maldição” (Fluchpsalmen), “Salmos de vingança” (Rachenpsalmen), “Salmos imprecatórios”, “Taliogebete” dentre outros (Scaiola, 2008, p. 61). Mais do que simplesmente apresentar queixas a Deus, tais composições manifestam de forma inequívoca a irrestrita confiança na intervenção divina (Carney, 1983, p. 116).

Portanto, aquilo que se costuma chamar de “salmos imprecatórios” são composições nas quais a imprecação ocupa um lugar de destaque ou é o seu elemento principal (LANEY, 1981, p. 36). Muito embora possam ser identificados alguns blocos temáticos no saltério – Salmos régios (93-100), Salmos de ascensão (120-134), Salmos aleluiáticos (146-150) – não existe um bloco que possa ser classificado como “Salmos de maldição”. É necessário distinguir Salmos imprecatórios daqueles outros Salmos que contêm imprecações. A lista com o número de Salmos imprecatórios costuma variar entre os autores, mas em geral são colocados os Sl 7; 35; 58; 69; 83; 109; 137; 139.

As imprecações são bastante comuns tanto no AT quanto no NT. Normalmente elas estão presentes em juramentos, como um modo de dissuadir as partes de eventuais transgressões (Lv 26,14-39; Dt 27,11-26.28; Rt 1,17). Mas o lugar onde elas são mais abundantes é de fato no saltério. Embora haja inúmeros lugares no AT onde esse expediente seja observado, pode-se afirmar que a maldição não se tratava de um mero capricho ou que estivesse em jogo circunstâncias banais. Ao contrário, para que uma imprecação fosse eficaz, ela deveria ter uma causa razoável. Isso porque, uma maldição imerecida não seria eficaz, uma vez que o “agente” causador do dano era o próprio Deus (Pr 26,2).

A relutância em relação aos Salmos imprecatórios se deve principalmente ao fato de que seria inadmissível para um cristão alimentar tais desejos contra os adversários. Para alguns, é como se a verbalização de tais sentimentos fizesse parte de um outro momento da história da salvação, uma fase pré-cristã na qual tais atitudes poderiam ser toleradas, mas uma superação era necessária (Westermann, 1989, p. 299-300; Laney, 1981, p. 38-39). Um caso mais extremo é a posição de Marcião que chegava a opor duas divindades: uma vingativa e sanguinária do AT, e outra misericordiosa e compassiva do NT. Por mais bem intencionadas que sejam essas opiniões, elas partem do princípio de

que os Salmos são obras meramente humanas, e não de Deus. Ora, se são de homens, então eles podem errar. Porém, se reconhecemos que a Escritura é toda ela igualmente inspirada por Deus, então não haveria razão para termos uma piedade maior que a do próprio Senhor (Boyle, 2022, p. 207).

Dizer que as imprecações não condizem com a lógica cristã não resolve os problemas. Ao contrário, é necessário ainda explicar por que as imprecações também estão presentes no NT (Mc 11,12-14; Mt 21,18-22; 1Cor 16,22; Gl 1,8-9; Ap 6,10; 22,18-19). Ademais, aqueles mesmos Salmos eliminados da liturgia por ferirem a sensibilidade dos cristãos, estão citados no NT. Em At 1,20 o autor fundamenta a deserção de Judas e sua substituição por Matias por meio dos Sl 69,25 e 109,8 (Strawn, 2008, p. 314-320). Assim sendo, de maneira alguma resulta “imoral” a utilização desses Salmos por parte dos cristãos.

A principal razão pela qual os Salmos imprecatórios – ou as partes que contêm imprecações – ficassem de fora da liturgia católica, se deve ao fato de esses textos gerarem algum tipo de desconforto psicológico para os orantes. Ora, se isso se passa com esses textos imprecatórios, o que garante que outras partes do texto sagrado não deveriam igualmente ser “eliminadas” uma vez que as circunstâncias são tão fluidas? Se essas orações geram tamanho incômodo, certamente isso não se deve ao seu conteúdo, mas a uma compreensão deficitária do gênero literário e do real conteúdo delas.

Contudo, isso não quer dizer que uma correta compreensão dos textos não seja necessária. É o que se proporá no tópico seguinte a modo de exemplo para, a partir daí, serem extraídos alguns princípios que podem orientar a sua utilização.

O Salmo 83: imprecação e conversão dos inimigos

Dos três salmos onde predomina o caráter imprecatório e que foram retirados da Liturgia das Horas do Rito Romano, quando da Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II (58⁴, 83, 109), apenas o Sl 83 conserva um elemento que chama a atenção dos estudiosos: a aparente possibilidade de conversão que se abre para os inimigos de Israel e que emoldura a última parte do Salmo (vv. 17-19). Por razões de brevidade, não será apresentada a tradução do Salmo, nem sua estrutura e gênero literário, mas apenas o comentário exegético dando destaque para a relação entre imprecação e conversão dos inimigos no Sl 83.

O Sl 83 integra a terceira parte do Saltério (Gosse, 2021, p. 44)⁵ e encerra a coleção dos chamados Salmos Asafitas (50.73-83). Brueggemann e Bellinger (2014, p. 360) destacam sua relação com o Sl 73, primeiro da coleção Asafita nesta terceira parte do Saltério. O autor recorda que, enquanto o Sl 73 suplica o auxílio divino por um indivíduo, o Sl 83 encerra a coleção com uma lamentação comunitária, que inclui em si uma súplica para que Deus faça justiça ao povo no seu conjunto. Sua datação é questão discutida. Há quem sugira uma datação pós-exílica (Tiziano, 2001, p. 327) e há quem considere que a ausência da Babilônia entre os dez povos opressores mencionados nos vv. 7-9 seja um indicativo de uma datação pré-exílica, quando a Babilônia ainda não representava uma ameaça (Weiser, 1984, p. 619).

⁴ Segue-se no presente artigo a numeração hebraica do Saltério.

⁵ Considera-se aqui a divisão do saltério aceita por Bernard Gosse, bem como autores anteriores: Sl 1 – 41; 42 – 72; 73 – 89; 90 – 106; 107 – 150.

A súplica inicial – v. 2

O Salmo começa com uma súplica dividida em três partes e emoldurada pela invocação do nome divino: Elohîm (אֱלֹהִים) no v.2a e El (אֵל) em 2c. O termo דָּמָּי (“silêncio” ou “descanso”) utilizado no v.2a é raro na BH, ocorrendo somente no Sl 83 e em Is 62,6.7, sendo que somente no Sl 83 refere-se a Deus. Logo em seguida, duas outras raízes verbais são utilizadas, sempre acompanhadas da partícula de negação, uma relacionada ao campo da fala – “calar-se” (שָׁרַח) – e outra ao campo semântico do movimento – “ficar imóvel” (שָׁקַט). Segundo Koehler e Baumgartner (2001, p. 1641), a raiz שָׁקַט evoca a ideia de quietude ou inércia, de quem mantém uma atitude passiva diante de uma situação. A raiz שָׁרַח, por sua vez, conecta o Sl 83 com o Sl 50, primeiro Salmo Asafita do Saltério, onde ela também é utilizada no Yiqtol e acompanhada da partícula de negação, indicando a confiança na intervenção divina (Sl 50,3).

O tema do silêncio divino pode ser encontrado em outros lugares no Saltério (Sl 28,1; 35,22). A ideia teológica de fundo é que tal silêncio pode evocar um desinteresse de Deus pelo seu povo, sua indiferença, uma vez que Ele é o Deus que se manifestou a Israel por meio da sua Palavra. O salmista pede, pois, que Deus se revele, mostre seu interesse pelo povo por meio de sua palavra e de sua ação, demonstrando que não está inerte. Como afirma Ravasi (1986, p. 731), é “um convite humano a Deus para que modifique seus projetos e por causa da sua glória retorne a manifestar-se como Deus ativo, como palavra e amor”.

A dupla evocação de Deus por meio dos termos *Elohîm* e *’El* conecta o início do Salmo com sua conclusão, tendo em vista que o último imperativo da imprecação (vv. 17-19) coloca em destaque o “buscar” e o “reconhecer” o nome de Deus por parte dos adversários do povo como sendo o objetivo final do juízo divino, citando também duas vezes, nos vv. 17 e 19 o nome próprio de Deus: YHWH (יהוה).

O complô dos povos contra Israel – vv. 3-9

A primeira parte do Salmo pode ser dividida em duas subunidades (vv. 3-5.6-9). Nos vv. 3-5 se evoca o que fazem (v.3), pensam (v.4) e, finalmente, dizem (v.5) os adversários de Israel. É um movimento que parte da observação da ação dos inimigos, conduzindo depois o orante para o seu interior, para as suas perversas maquinações, e depois lhes dá voz, reproduzindo o que seriam as suas palavras contra o povo.

Para descrever a atitude primeira dos adversários, o salmista utiliza o verbo “agitar-se” (הָמָה) e a expressão “levantar a cabeça” (שָׂאוּ רֹאשׁוֹ). Baumann (1978, p. 414) defende uma origem onomatopaica para o verbo הָמָה. Na sua origem, ele serviria para descrever uma cena de confusão, envolvendo aspectos visuais e acústicos. Daí o sentido de “alvorozo, agitação” proposto pelos léxicos recentes (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 181). Tal verbo pode ter YHWH como sujeito, indicando seu poder sobre a criação (Is 51,15); pode ainda indicar a atitude do orante, que se agita interiormente esperando a intervenção divina (Sl 43,5). Aqui, bem como no Sl 46,7, tal verbo descreve o motim das nações. O “levantar a cabeça” indica uma atitude altiva, de quem tem a certeza da vitória (RAVASI, 1986, p. 731). Nos Salmos 27,6 e 110,9 aparece uma expressão semelhante, mas com a raiz רָוַח em lugar do verbo שָׂאוּ, indicando a certeza que o orante piedoso tem acerca da sua vitória contra os inimigos. O uso do sufixo de segunda pessoa masculino singular indica que os adversários são, em primeiro lugar, adversários do próprio Deus.

O v.4 conduz o orante para o interior dos seus adversários. Diante de Deus ele se lamenta porque aqueles que “o odeiam” maquinam planos e conspiram contra aqueles que são os “protegidos” (v. 4b) de Deus. Se, de um lado, manifesta-se a hostilidade dos adversários de Israel, de outro põe-se em relevo sua proximidade com Deus. A expressão “teu povo” evoca a aliança que Deus fez seja com Abraão, seja com o povo como um todo através de Moisés (Dt 7,6). O uso da raiz ירץ, por sua vez, traz a ideia de proteção, de uma relação de intimidade e cuidado, como se pode depreender de seu uso no Sl 31,21.

Por fim, o v.5 dá voz aos adversários. O que eles desejam e exprimem em palavras é exterminar Israel “como nação”, ou seja, dizimá-los para que não sejam mais povo. Querem que seu “nome” não seja mais lembrado. Aqui manifesta-se de modo mais claro como sua oposição é, no fundo, contra o próprio Deus. Afinal não foi Israel quem se constituiu sozinho como povo. Sua tradição religiosa reconhece que, na sua origem de tudo, não está uma mera decisão humana, mas a escolha divina. Mesmo quando se rebelaram no deserto, Deus não desistiu de ser o seu Deus, nem de torná-los seu povo, tendo a Lei, o culto e a terra como sinais de sua unidade como nação. Desejar destruir a nação constituída por Deus e apagar sua lembrança é, em última análise, querer apagar a história de salvação que o próprio Deus construiu com eles. A menção do “nome” de Israel já coliga o início do Salmo com seu termo, onde o salmista pedirá que o juízo de YHWH tenha como objetivo final a busca pelo “nome de YHWH” e o reconhecimento do seu “nome” por parte dos seus adversários.

A segunda unidade ou subseção dessa primeira parte do salmo está nos vv. 6-9. Depois de uma introdução, apontando novamente para o aspecto interior dos adversários, que deliberam “no coração” o que fazer, o autor sagrado torna a colocar ênfase na sua ação que é, em última análise, contra o próprio Deus: “contra ti fizeram uma aliança” (v.6b). Deus fez uma aliança com Abraão, para constituir a partir dele uma grande nação (Gn 12; 15; 17). Contudo, opositores que são do projeto divino, os adversários fazem “contra Deus” uma aliança, visando destruir seu projeto salvífico.

São enumerados dez povos, alguns mais outros menos conhecidos no AT. Os autores normalmente não se questionam sobre a situação histórica que teria originado o Salmo, tendo em vista que não parece possível pontuar um momento no qual todas as nações elencadas tenham se unido contra Israel. O motivo da união das nações tem, pois, caráter teológico (Gerstenberger, 2001, p. 119). O número dez indica uma totalidade, bem como a indicação de localidades ao Sul (Edom) e ao Norte (Tiro), na Transjordânia e na região costeira faz emergir do texto a ideia de um “cerco”. O objetivo de tal enumeração, que recorda inimigos conhecidos da história israelita, como a Assíria, Edom, Moab e Amon, por exemplo, parece ser evocar, de modo hiperbólico, uma situação de crise, na qual a estabilidade e a própria existência do povo estão ameaçadas. Diante disso, espera-se a ação divina, que vencerá os inimigos de Israel em cada época, tal como os vencera no passado e tal como vencera as forças do caos no início da criação.

A imprecação e a conversão dos inimigos – vv. 10-19

Tendo em vista que os adversários de Israel querem apagar “seu nome”, “sua memória” (v.5d), a imprecação inicia justamente recordando, “fazendo memória” dos grandes feitos de YHWH no passado (vv.10-13), quando ele os libertou das mãos dos inimigos, quando ele não ficou inerte (v.3), mas manifestou sua força salvadora. Ele deseja que, do mesmo modo como Deus agiu no passado em favor do seu povo, ele aja agora e em todos os tempos, libertando-o das mãos dos seus adversários. Sendo o culto o lugar por excelência da “memória”, tal forma de iniciar a imprecação ganha um elevado valor

teológico. Reunido para celebrar, o povo deve compreender por que celebra: celebra porque Deus em primeiro lugar manifestou sua força salvadora, fez aliança com eles e esteve a seu lado em todos os momentos. Olhando para o passado, pode-se também olhar com confiança para o futuro. A celebração torna-se, pois, memória e profecia.

Weiser (1984, p. 619) destaca que, diferentemente do que se costuma encontrar no Antigo Oriente Próximo, onde as imprecações são expressas apenas por meio de palavras de maldição, ou pela quebra de estatuetas ou potes contendo os nomes dos adversários, no Sl 83 apela-se para a ação salvífica de YHWH manifesta no passado e sempre aguardada no hoje da história israelita. Aqui não há a ideia de uma espécie de valor mágico dado às palavras. O que se expressa por meio da “palavra orante” é o desejo de que atue.

Nos vv. 10-13 são recordados episódios narrados no livro dos Juízes. Grandes figuras são evocadas, sempre em pares: Sísara e Jabin; Oreb e Zeb; Zebá e Sálmana. A vitória contra Jabin e Sísara está narrada em Jz 4–5. Oreb, Zeb, Zebá e Sálmana são príncipes mencionados em Jz 7–8, onde se narra a vitória de Gedeão contra os madianitas. A “Endor” (אֶנְדוֹר) mencionada no v.11, normalmente é considerada pelos estudiosos do Sl 83 como sendo a cidade de En-Harod (אֶנְרוֹד) mencionada em Jz 7,1, tendo em vista que a BH não menciona nenhum confronto entre Israel e seus inimigos ocorrido em Endor e que En-Harod encaixa-se mais no contexto.

Parece plausível afirmar que a evocação de tais episódios tem como objetivo demonstrar que a força que leva Israel a vencer suas batalhas não está nos exércitos, nem nas armas e nem na capacidade bélica de um bom general ou de um grande rei. Em Jz 4, Sísara é morto pelas mãos de uma mulher e fora do campo de batalha, conforme previra Débora (Jz 4,9). Em Jz 7, Deus reduz drasticamente o exército de Gedeão. De vinte e dois mil homens restaram apenas trezentos. Objetivo vem explícito em Jz 7,2: “Então YHWH disse a Gedeão: ‘O povo que está contigo é numeroso demais para que eu entregue Madiã nas suas mãos; Israel poderia gloriar-se disso às minhas custas, e dizer: ‘Foi a minha própria mão que me livrou.’” Ao evocar tais feitos de YHWH no passado, o salmista recorda a quem ora o Salmo que a vitória depende unicamente da força salvadora do próprio YHWH.

Note-se que, tal como ocorre no v. 5, o v.13 cita o que seriam as palavras dos inimigos: “Apropriemo-nos das pastagens de Deus!”. Os povos em redor querem exterminar Israel como nação e apagar seu nome. Os inimigos do passado quiseram fazer o mesmo, ainda que reconhecessem sua especial relação com Deus, o que fica expresso pelo modo como é referida a terra da promessa: “pastagens de Deus”. Fica mais uma vez evidenciado o que se afirmava já nos versículos iniciais: os inimigos do povo eleito são, em última análise, inimigos do próprio Deus, porque querem eliminar a sua obra: o ter constituído Israel como seu povo e ter-lhe dado a terra como dom.

Da ação salvífica de YHWH manifesta na história (vv.10-13): suplica-se uma ação cósmica de YHWH (vv.14-16), sempre valendo-se do elemento estilístico da comparação, com uma constante repetição da preposição “como” (כִּי). O v.14 coliga-se ao início do Salmo, porém pondo em relevo a intimidade entre Deus e o orante: não se evoca apenas a “Deus”, mas se diz “Meu Deus!”, dando destaque à sua especial relação, bem como a do povo como um todo, com YHWH.

A primeira imagem no v.14 é uma imagem de desolação provocada pelo vento. O termo לָלֶגַל (v.14a) pode significar várias coisas na BH: a roda (Jr 47,3); a roldana (Ecl 12,6); algo que gira, como o ruído do trovão a ribombar pelo céu (Sl 77,19). Há quem sugira a tradução a partir de Is 17,13, onde o termo está em paralelo com o termo חֶבֶל, cujo significado é “palha” (Koehler; Baumgartner, 2001, p. 619). Alonso Schökel (1997, p. 138) sugere que, no Salmo em questão, trata-se da lanugem da semente, da palha que a

cobre. Parece plausível tal compreensão, sobretudo em virtude do paralelismo com o termo “palha” que ocorre logo em seguida (v.14b). Segundo Ravasi (1986, p. 735) tal imagem faz eco ao Sl 35,5, os inimigos são apresentados como “palha” (יָבֵשׁ) ao vento, empurrados pelo mensageiro de YHWH.

O v.15 introduz uma súplica para que a ira de YHWH manifeste-se como “fogo” que devora uma floresta e como a “chama” que consome as montanhas. São imagens de destruição, que evocam o juízo divino (Is 29,6; Dt 9,3), mas também sua teofania (Ex 19,18). O advérbio כֵּן, que inicia o v.16, tem a função de retomar o que foi elencado antes. O salmista deseja que, tal como um fogo que devora, ou como uma chama que tudo consome, assim, YHWH persiga e aterre seus inimigos, na “tempestade” (עָרָם) e no “furacão” (סִוֵּף). A fim de deixar claro que tais manifestações são, na verdade, ações de YHWH, o autor sagrado acrescenta os sufixos de segunda pessoa: “tua tempestade” e “teu furacão”. À perseguição segue-se o terror: utiliza-se a raiz verbal בָּהַל, presente em alguns textos como Ex 15,15 e o Sl 46,6, dentre outros, para indicar o “terror” dos inimigos diante das ações de YHWH que os combate porque antes tinham combatido injustamente contra seu povo.

Depois de se recordar as ações de Deus na história e de se evocar sua força sobre o cosmos, um quarto imperativo abre a terceira parte da imprecação. Não há mais o elemento estilístico da comparação. São utilizados sete verbos para suplicar a ação de Deus contra seus inimigos. O primeiro deles está no imperativo, depois seguem-se seis formas em Yiqtol, indicando aquilo o que se deseja para os opositores.

O imperativo suplica que a face dos inimigos seja coberta de ignomínia. É a única vez que o termo קָלַן ocorre no livro dos Salmos. Ele aparece mais frequentemente no livro dos Provérbios, algumas vezes ligado à insensatez (Pr 3,35). Nos profetas, קָלַן aparece como sendo aquilo que recebem da parte de Deus os arrogantes e os que se afastam dele, inclusive o próprio povo eleito (Is 22,18; Jr 13,26). Para os insensatos e arrogantes que pretendem combater contra Deus só pode restar a “ignomínia” (קָלַן). É possível perceber que, por detrás da imprecação, está presente a ideia de retribuição. Não é uma imprecação gratuita, mas brota do desejo de que Deus retribua aos adversários do povo, que são em última análise Seus próprios adversários, o mal que lhe foi injustamente perpetrado. Contudo, nas seis formas em Yiqtol que encerram o Salmo algo se destaca. Elas são emolduradas pelos verbos “buscar” (בָּקַשׁ) e “conhecer” (יָדַע). Não se trata de “buscar” ou “conhecer” qualquer coisa, mas o “nome” de YHWH. O salmista deseja que “busquem” (v.17) e “conheçam” (v.19) o “nome” de YHWH as nações que queriam destruir o “nome” de Israel (v.5).

O que significa tal “busca” e “reconhecimento” do nome de YHWH não é um ponto de convergência entre os estudiosos do Sl 83. Alguns autores defendem que não se trata de uma “conversão”, mas apenas de uma constatação de que o Deus de Israel existe e atua, tendo em vista que parecia “mudo” e “inerte” (Ravasi, 1986, p. 737; Schokel; Carniti, 1998, p. 1067). Outros autores, no entanto, afirmam que se trata sim de um desejo de conversão dos inimigos, ainda que às custas da experiência do juízo (Monti, 2018, p. 912; Tiziano, 2001, p. 327; Kraus, 1995, p. 248; Weiser, 1984, p. 620). Tiziano (2001, p. 327) chega a afirmar que “A mensagem surpreendente deste salmo está no fato de que a revelação divina não é só em favor do seu povo, mas também em favor dos próprios inimigos, que na sua derrota podem descobrir em Deus a fonte da vida”. Parece plausível concordar com os autores que veem nas afirmações dos vv. 17b e 19a o desejo da conversão dos inimigos tanto por motivos linguísticos quanto teológicos.

Do ponto de vista da linguagem, o uso dos verbos “buscar” e “conhecer” relacionados ao “nome” de YHWH parecem apontar nesse sentido. O saltério utiliza basicamente duas raízes verbais para falar

do homem que deve sempre “buscar, procurar” a Deus: *בָּקַשׁ* e *דָּרַשׁ*. O verbo *דָּרַשׁ* é o mais recorrente. Este verbo tem o sentido genérico de “buscar”, contudo, dependendo do objeto, o sentido pode ser mais específico. Em se tratando de um texto, por exemplo, o sentido pode ser “estudar, consultar, meditar”; em se tratando de uma pessoa, pode ser “consultar, interessar-se por” etc. O verbo *בָּקַשׁ* também possui o sentido genérico de “buscar”, e é utilizado em paralelo com o verbo *דָּרַשׁ*. Emprega-se, também, para indicar a busca por uma qualidade ou estado: como buscar a humildade, a fidelidade, a paz (Sl 34,15), a sabedoria etc. Predomina, porém, o sentido do buscar a Deus ou de ser “buscado” por Ele, tendo em vista que Deus pode ser o sujeito de tal verbo, como ocorre no Sl 119,176, embora seja mais comum que Ele seja o objeto da busca. Algumas vezes o verbo indica mais uma qualidade do que propriamente uma ação, como no Sl 105,3: “alegre-se o coração dos que buscam a Deus”. O hebraico utiliza, aqui, o particípio: “os buscadores de Deus”; assim como algumas vezes se refere aos “que temem YHWH” (Sl 147,11).

O verbo “conhecer” (*יָדַע*) ocorre de modo particular no livro do profeta Ezequiel, sendo utilizado nas chamadas “fórmulas de reconhecimento”. Nos primeiros quarenta capítulos de Ezequiel repete-se tal fórmula diversas vezes e ela algumas vezes está inserida em contextos em que, à manifestação do juízo divino, segue-se o reconhecimento da ação de Deus na história (Ez 6,10; 15,7; 39,7). Tanto Israel quanto as nações saberão que “Ele é YHWH”, fórmula de conteúdo semelhante à que se encontra no Sl 83, tendo em vista que “reconhecer o nome” de Deus é reconhecer Ele mesmo.

Teologicamente, tal esquema também aparece na Escritura quando se trata do povo de Israel. Experimentando o juízo divino, ele reconhece o poder de YHWH e compreende que tal juízo se deu em vista do seu pecado. Abre-se assim a possibilidade de conversão (Is 17; Os 3). Tal parece ser a compreensão do salmo em relação aos inimigos que cercam e perseguem o povo. A imprecisão ganha, pois, um sentido positivo. Não se deseja que ocorra com os inimigos exatamente o mesmo que os inimigos desejam ou desejaram para o povo eleito. Os inimigos querem sua extinção (v.5). O salmista, por sua vez, deseja sim que o juízo divino se manifeste, no v. 18 chega a utilizar o verbo “perecer” (*אָבַד*), mas a moldura da última parte da imprecisão (vv. 17.19) aponta para um desejo mais elevado, ainda que através da experiência da derrota: o reconhecimento de YHWH e a busca por seu nome.

Alguns princípios

A Pontifícia Comissão Bíblica no documento “Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura”, acerca do gênero literário de lamento, afirma que frequentemente ele se serve de “expressões exageradas e exasperadas, seja na descrição do sofrimento, que é sempre extremo, seja na requisição dos remédios, que se pede sejam rápidos e definitivos” (n. 129). Em situações dramáticas não se pode esperar do sofredor uma apatia estoica. Antes, “as palavras se assemelham a um rugido” (n. 129) que têm a finalidade de desafogar o coração. Dessa forma, as metáforas não podem ser interpretadas literalmente (n. 128), mas devem ser entendidas como o esforço de traduzir em palavras uma dor avassaladora.

Os tópicos abaixo não têm a pretensão de ser uma palavra definitiva sobre o caso. Tenciona-se oferecer alguns pontos a serem levados em conta no sentido de revalorizar os Salmos imprecatórios.

- a) É inegável que haja no mundo situações de maldade e pecado, sofrimento e angústia. A partir da perspectiva do salmista, não se tinha uma ideia acerca de vida consciente após a morte. Dessa maneira, os problemas dessa vida deviam ser respondidos aqui e agora

(Carney, 1983, p. 211). O próprio apóstolo Paulo recomenda os cristãos a não se vingarem, mas deixarem sua causa nas mãos de Deus, porque a ele compete a justiça (Rm 12,19). Dessa forma, por meio do Salmos de vingança, eleva-se a Deus o pedido para que Ele intervenha no mundo. São orações que nascem da fé e não da raiva. Por meio deles, o orante abdica de qualquer pretensão de fazer justiça com as próprias mãos. É Deus mesmo, enquanto defensor dos pobres, quem levará a bom termo essa sua vontade (Boyle, 2022, p. 208-209). É importante observar que o pedido não é por vingança, mas sim por justiça (Laney, 1981, p. 42). A vingança não é um fim, mas um meio eficaz para se restabelecer a justiça rompida (Barbaglio, 1991, p. 134).

- b) Enquanto na cultura babilônica os infortúnios eram atribuídos à ação de demônios, magos e feiticeiros, restava ao orante lamentar a sua sorte sobretudo no caso das enfermidades. Os Salmos de lamentação, sobretudo os imprecatórios, não atribuem as calamidades a agentes sobrenaturais. Os adversários são sempre homens, mas estes são descritos de forma simbólica, com colorido vívido, capaz de expressar a psicologia do orante e seus sentimentos de insegurança e terror. O devoto babilônico contrapunha magia com magia, mas o salmista coloca sua confiança na intervenção do próprio Deus. Suas invocações são fruto de grande confiança (Barbaglio, 1991, p. 131-132).
- c) Na base da Aliança com Israel estava o tema da bênção e da maldição. “Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei (אָרַר) os que te amaldiçoarem” (Gn 12,3). A forma verbal está no Qal yiqtol. Quando a mesma raiz aparece em outros textos, como é o caso de Dt 28,15 (Maldito – אָרַר – serás tu na cidade, e maldito – אָרַר – serás tu no campo) a forma é Qal participio passivo. A forma gramatical denota que apenas Deus pode amaldiçoar em sentido ativo (Lessing, 2006, p. 368-369). Muitos desses Salmos, atribuídos a Davi, suplicam que Deus seja fiel às suas promessas. Em última análise, os adversários aqui retratados não são inimigos pessoais de Davi, mas inimigos de Deus e de seus projetos (Laney, 1981, p. 41-43). Dessa forma, sem a vingança sobre os inimigos de Israel não pode haver salvação para Israel (Lessing, 2006, p. 369).
- d) Uma outra vantagem na utilização dos Salmos imprecatórios é aquela de natureza psicológica. Diante de ameaças físicas, sociais, espirituais ou psicológicas, nossa primeira reação é a raiva. Negar esse sentimento não o suprime, mas o recrudesce, fazendo com que descambe em mágoa e frustração. Por vezes, o indivíduo está de tal modo tomado por emoções profundas a ponto de sequer conseguir verbalizar sua dor, dando a impressão de que ela não tem limites. Nesse sentido, os Salmos imprecatórios emprestam ao sofredor palavras capazes de exprimir sua angústia, oferecem uma espécie de “linguagem regular”, de “modos padronizados de expressão” (Hankle, 2010, p. 276-277; Carney, 1983, p. 119).⁶ A dor já não mais consome o orante por dentro, mas é colocada para fora; ela ganha contornos definidos e, por isso mesmo, pode ser mais bem compreendida e controlada. Uma vez que os Salmos oferecem um variado caleidoscópio

⁶ Mumford em um artigo de 1992 (p. 92-96) apresenta um grande compilado de termos somáticos que possuem significados metafóricos na BH. Essas metáforas são uma ponte entre o mundo interior dos sentimentos e o exterior, e possibilitam o orante exprimir de modo rico e diversificado suas emoções.

das experiências humanas, se faltasse aqui uma oração desse tipo, certamente tal visão dilatada sairia empobrecida (Scaiola, 2008, p. 79).

- e) A oração dos Salmos convida o orante a sair de si mesmo fazendo com que sua prece não seja alimentada meramente pelos sentimentos. Por vezes, mesmo experimentando uma extrema dor, a liturgia oferece um Salmo de júbilo. Noutras, apesar da alegria, quem reza se depara com um lamento. Tal atitude é um convite a sair da armadilha dos sentimentos e olhar para além de seu próprio mundo. No caso dos Salmos imprecatórios, ainda que não haja motivos pessoais de tristeza, os textos podem tornar o fiel mais sensível para os sofrimentos dos outros, pois a realidade é maior do que o mundo do indivíduo. Noutras palavras, não é tanto aquilo que se faz com os Salmos, mas sim o que os Salmos fazem com as pessoas (Boyle, 2022, p. 211-213).

Considerações finais

A imprecção, enquanto forma literária, subsiste tanto no Antigo quanto no NT. É possível ver, inclusive, textos do NT que citam versículos imprecatórios retirados do livro dos Salmos, como At 1,20 que, ao falar da substituição de Judas no grupo dos doze, aplica a ele as palavras dos Salmos 69,26 e 109,8.

Nota-se então que, embora Jesus tenha apresentado de maneira nova a figura do inimigo e o comportamento que se deve ter a relação aos opositores (Mt 5,44), a linguagem imprecatória não foi abandonada pela Igreja nascente. Tal parece ter se dado pelo fato de que os Salmos imprecatórios, no fundo, guardam em si uma concepção teológica que permanece também na perspectiva neotestamentária: a justiça sobre os adversários cabe a Deus, que julgará cada um conforme as suas obras. Soma-se a isso a concepção, ainda mais firme no NT, de que Deus não está inerte diante das adversidades da humanidade e muito menos diante dos sofrimentos daqueles que o servem. Sua justiça há de se realizar, ainda que se não plenamente agora da história, certamente na escatologia (Mt 13,30.49; Ap 6,9-11).

Embora alguns salmos imprecatórios possam ser lidos à luz de Ef 6,12, que fala do combate espiritual, afirmando que a luta cristã não é contra adversários humanos, mas contra as forças espirituais do mal (τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας), ele não parece ser possível com o Sl 83, se considerarmos que os vv. 17 e 19 referem-se à conversão do inimigo. Não parece ser possível aqui dar contornos espirituais a esse inimigo que poderia converter-se diante mesmo da sua derrota. Contudo, poderíamos reler o salmo em chave cristã percebendo-o como expressão da fé do orante, que espera que Deus não somente lhe faça justiça pessoal e comunitariamente, mas que também venha em auxílio dos seus adversários e dos adversários da fé em todos os tempos, fazendo-os reconhecer a força do Deus vivo e que, vendo seus planos contra os eleitos cair por terra, reconheçam que Ele é o Único, o Altíssimo sobre a terra inteira (Sl 83,19). Nisso realizar-se-ia plenamente o desejo do Cristo, que não veio para que ninguém se perdesse, mas para que todos tivessem vida plenamente (Jo 10,10).

Referências

ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C. *Salmos II (Salmos 73 – 150)*. São Paulo: Paulus, 1998.

- BARBAGLIO, G. *Dio violento? Lettura delle Scritture Ebraiche e Cristiane*. Assisi: Cittadella, 1991.
- BAUMANN, A. אָהָה. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*. V. III. Grand Rapids: Eerdmans, 1978. p. 414-418.
- BOYLE, G. R. The Imprecatory Psalms as means of Mercy and Wellness. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne-Indiana (USA), v. 86, n. 3-4, p. 193-214, July/Oct. 2022.
- BRUEGGEMANN, W.; BELLINGER, W. H. *Psalms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- BUGNINI, A. *The Reform of the Liturgy*. Collegeville: Liturgical Press, 1990.
- CARNEY, S. God damn God: A reflexion on expressing anger in prayer. *Biblical Theology Bulletin*, United Kingdom, v. 13, n. 4, p. 116-120, 1983.
- DALY-DENTO, M. The Psalms in John's Gospel. In: MOYISE, S; MENKEN, M. J. J. *The Psalms in the New Testament*. London: T & T Clark, 2004. p. 119-137.
- DOBLE, P. The Psalms in Luke-Acts. In: MOYISE, S; MENKEN, M. J. J. *The Psalms in the New Testament*. London: T & T Clark, 2004. p. 83-117.
- GERSTENBERGER, E. S. *Psalms, Part 2, and Lamentations*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- GOSSE, B. La rédaction du Psautier par inclusion em cinq livres, les fonctions des titres des psaumes, le rôle du psautier Elohiste (Os 42-83) et les théologies des chantres levites Asaphites, Coréites et Ezrahites dans le cadre du Psautier em confrontation avec les livres des Chroniques. *Biblischen Notizen*, Freiburg, v. 191, p. 31-48, 2021.
- HANKLE, D. D. The therapeutic implications of the Imprecatory Psalms in the Christian Counseling Setting. *Journal of Psychology and Theology*, La Mirada (USA), v. 38, n. 4, p. 275-280, 2010.
- HUXTABLE, R. Interpreting Imprecatory Psalms. *Logoi Pistoii*, Australia, v. 6, p. 30-38, 2022.
- KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2001. 2 vols.
- KRAUS, H-J. *Los Salmos: Sal 60 – 150. Vol. II*. Salamanca: Sígueme, 1995.
- LANEY, C. A Fresh look at the Imprecatory Psalms. *Bibliotheca Sacra*, Dallas, v. 138, n. 1, p. 35-45, jan./mar. 1981.
- LESSING, R. R. Broken Teeth, Bloody Bath, and Baby Bashing: Is there any place in the Church for imprecatory Psalms? *Concordia Journal*. St Louis, v. 32, n. 4, p. 368-370, out. 2006.
- MENKEN, M. J. J. The Psalms in Matthew's Gospel. In: MOYISE, S; MENKEN, M. J. J. *The Psalms in the New Testament*. London: T & T Clark, 2004. p. 61-82.
- MONTI, L. *I Salmi: preghiera e vita*. Magnano: Qiqajon, 2018.
- MUMFORD, D. B. Emotional distress in the Hebrew Bible: Somatic or Psychological? *British Journal of Psychiatry*, Cambridge, v. 160, n. 1, p. 92-97, 1992.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Inspiração e verdade da Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 2014.

RAVASI, G. *Il libro dei Salmi: Commento e attualizzazione. Vol II: Sl 50 – 100*. 3.ed. Bologna: Dehoniana, 1986.

REARDON, P. H. *Christ in the Psalms*. New York: Conciliar Press, 2000.

RONDEAU, M.-J. *Les Commentaires Patristiques du Psautier (III^e-V^e Siècles). V. 1: Les travaux des pères Grecs et latins sur le Psautier: Recherches et bilan*. Roma: Pontificium Institutum Studiorum Orientalium, 1982.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1971.

SCAIOLA, D. I salmi imprecatori: il linguaggio violento dei Salmi. Preghiera e violenza. *Ricerche Storico Bibliche*, Bologna, v. 20, p. 61-79, 2008.

STRAWN, B. A. Imprecation. In: LONGMAN III, T.; ENNS, P. (ed.). *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry and Writings*. Downers Grove: IVP Academic, 2008. p. 314-320.

TARRUEL, J. G. Salmos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 1095-1109.

TERTULIANO. *Contra Marcião*. Disponível em: https://www.tertullian.org/articles/evans_marc/evans_marc_00index.htm. Acesso em: 31 maio 2023.

TIZIANO, L. *I Salmi: nuova versione, introduzione e commento*. Milano: Paoline, 2001.

WATTS, R. The Psalms in Mark's Gospel. In: MOYISE, S.; MENKEN, M. J. J. *The Psalms in the New Testament*. London: T & T Clark, 2004. p. 24-45.

WEGRZYNIAK, W. The Imprecatory Psalms in the Liturgy of the Hours after the Second Vatican Council: Reform, Reception and the Current State of the Debate. *Verbum Vitae*, v. 40, p. 1075-1096, 2022.

WEISER, A. *I Salmi 61 – 150*. Brescia: Paideia, 1984.

WESTERMANN, C. *The Living Psalms*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

RECEBIDO: 04/05/2023
APROVADO: 04/05/2023

RECEIVED: 04/05/2023
APPROVED: 04/05/2023